

A SALA DE JANTAR NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX *

CÉSAR VALENÇA

A ciência do gosto e do consumo cultural começa por uma transgressão que nada tem de estético: deve com efeito abolir a fronteira sagrada que faz da cultura legítima um universo separado para descobrir as relações inteligíveis que unem "escolhas" em aparência inmensuráveis, como as preferências em matéria de música e de cozinha, de pintura e de desporto, em matéria de literatura e de penteados.

Pierre Bourdieu
"La distinction critique sociale
du Jugement", 1979

"Os animais pastam; o homem come; só o homem de espírito sabe comer".

"A mesa é o único sítio onde ninguém se aborrece durante a primeira hora".

Brillat-Savarin / 1755-1826
"Physiologie du Goût"

Esta exposição nasceu de apetites vários:

Apresentar parte de uma mobília de sala de jantar com uma mesa de pés zoomórficos que não destoaria num interior ao gosto de D. Fernando Saxe-Coburgo e que faz parte das reservas do Museu.

* O êxito da exposição "A Sala de Jantar na Segunda Medade do Século XIX" e o interesse demonstrado por várias instituições que nos têm vindo a pedir o catálogo, levou a considerar útil a inclusão deste texto na Forum.

Jogar com peças da colecção permanente, colocadas noutro contexto, propondo-se um espaço datado entre 1850-1918.

Provocar a meditação sobre o gosto, suas mutações, questionarmo-nos sobre a ligeireza ou a profundidade dos fenómenos da moda: bulirão “apenas” com o nosso vestuário, ou mexem com tudo incluindo as formas de se estar no mundo e de o ver?

A segunda metade do século XIX, época que mais longe levou o gosto pelo conforto e o sentido de intimidade, criou os ambientes de “desordem artística” que são de novo significativos no nosso fim de século, mas que tiveram origem cerca de 1845, quando a burguesia iniciou as suas buscas de velharias ou exotismos. Em França, os homens da cultura ou do dinheiro tinham-se apaixonado pelo Japão, como os Goncourt, ou pelas antiguidades faustosas como os Rothschilds; em Portugal Guerra Junqueiro, Burnay, o Marquês da Foz e o Marido da rainha D. Maria II foram os precursores dessa mania com implicações culturais que se chama coleccionar antiguidades.

A segunda metade do nosso século irá assistir à democratização desse “vício”, na pequena classe média, até se infiltrar em algum meio operário que se foi libertando das necessidades mais prementes e se aburguesou.

Escolheu-se a sala de jantar como tema por ser uma divisão da casa historicamente recente, fugaz, mas que marcou o inconsciente de várias gerações como a simbologia maior do ambiente familiar e sobretudo como a catedral da liturgia social burguesa.

Contrariando a vontade da nossa memória, a sala de jantar, como divisão certa e obrigatória das refeições, nasceu apenas nos meados do séc. XVIII. Na Idade Média e mesmo durante a Renascença e o Barroco, as divisões das casas eram multifuncionais como hoje. A parte mais importante, mais decorada, era a sala onde se encontrava o leito do dono da casa, fechado durante o dia por cortinas. Nessa sala também se recebia, e nas classes mais elevadas tomavam-se com a família ou com poucos convidados as refeições numa mesa aí aproveitada ou erguida para esse fim. Nos outros meios sociais comia-se na cozinha aproveitando-se a lareira como aquecimento e principal fonte de luz.

A origem das mesas de refeições são as tábuas postas sobre cavaletes, que se desmontam depois de comer, daí o seu nome em quase todas as línguas europeias ter origem na palavra Tábua. Por isso ainda se diz levantar a mesa significando simplesmente retirar a toalha e o que ficou da refeição.

Os banquetes, eram servidos como hoje nos salões. O comprimento das mesas era o que se quizesse, bastando aumentar as tábuas e os cavaletes. As outras possuíam usos vários e estavam sempre tapadas por tecidos e mesmo por tapetes orientais, cobrindo-se com toalhas durante as refeições.

Os Italianos da Renascença, gozando de um refinamento muitíssimo avançado em relação a toda a Europa, usavam as antecâmaras para comer, em vez das salas com leitos, mas sem que houvesse uma zona determinada ou que a mesa se mantivesse no centro da divisão de forma permanente. A França

seguiu os hábitos italianos, sendo copiada posteriormente pelos outros países da Europa.

No início do séc. XVIII os espaços da casa começam a definir-se, a exigir-se um maior conforto e a ter ideia desse luxo que é a privacidade. Foram os ingleses, por uma questão prática, que criaram o que se entende por uma sala de jantar, ou seja, um local quotidiano e determinado para as refeições, com uma mesa centrada com cadeiras iguais e bufetes como móveis de apoio.

Anteriormente em Itália e depois no resto da Europa usavam-se credências, "credenzas", móveis colocados próximos da mesa de jantar onde se ostentava a baixela de ouro, estanho, prata, majólica ou porcelana e que pela imponência dos objectos dava credibilidade sócio-económica à família. Na sala de jantar são os bufetes os herdeiros da credência.

O nascimento da sala de jantar acontece no fim do rocaille, numa sociedade apaixonada pela vida, desejosa de prazeres, de intimismo e informalidade.

A aristocracia da época rocaille despedira-se alegremente do poder político, cansada da representação hierática a que o Barroco e o Estado Absoluto a tinham obrigado. O neo-classicismo dará à Europa quer na versão inglesa, ou francesa marcada pela anglomania, belos móveis de sala de jantar. No entanto, não é essa ainda a época do seu triunfo .

A Revolução Americana e sobretudo a Revolução Francesa asseguram o poder político à burguesia já confortavelmente instalada em grande parte da Europa desde o século XVII.

O século das revoluções, irá ver a nova classe dominante transformar também as esferas da cultura com o Romantismo. A burguesia vai impor a sua moral que contraporá à "libertinagem" aristocrática, a estridência da farda das côrtes será substituída pelo negro da casaca. Por fim irá adoptar o seu protocolo urbano como legitimação social.

Tal como o barroco do séc. XVII criara a ópera, em que a música, o canto, a representação e o cenário formam o espectáculo, a burguesia na segunda metade do século XIX, levará o jantar à forma mais perfeita de teatralização, tornando-o um espectáculo total em que todos os sentidos participam. A sala de jantar será o palco da sua consagração como classe dirigente. Das cores escuras escolhidas para as paredes, ao mobiliário, da pintura, à música do serão, ou ao ruído das sedas dos vestidos, dos perfumes das mulheres, às flores da mesa, da escolha dos pratos à dos vinhos, ou da escolha dos convidados, à sua colocação na mesa, dos temas de conversa, à toalha, das pratas, aos cristais, tudo é fruto de uma arte e de uma técnica subtil. Esse conjunto dará uma massa de impressões que formarão uma das obras mais significativas da cultura burguesa. O seu significado é tanto maior quanto toda essa harmonia se destina, pela sua própria natureza, a um tempo efémero. A pintura e a literatura eternizaram como documentos esses espectáculos em que a gastronomia e as outras artes foram enriquecidas. O séc. XIX irá morrer verdadeiramente com o fim da 1ª. grande guerra em 1918. Depois esse mundo

de jantares da Belle Époque não será mais o mesmo das descrições de Balzac, Proust, Camilo ou Eça.

O século XIX trouxe, como foi dito, transformações que ainda hoje fazem parte do nosso mundo. Os horários das refeições foram alterados devido à introdução da iluminação a gás, depois à electricidade e também à ausência dos homens de casa, nos negócios ou no emprego durante o dia. Mesmo para as classes priverligiadas deixa de ser possível viver maioritariamente dos rendimentos. Assim a primeira refeição do dia, ligeira na Europa continental, passou a chamar-se pequeno almoço, o almoço ficou mais tardio, tomando o lugar que era o de jantar; este entrou na noite confundindo-se com a ceia. A nível familiar ou social manteve-se como a mais importante refeição do dia.

A sala de jantar irá sobreviver até 1945, perdendo depois a sua situação emblemática. O mundo posterior à segunda grande guerra será feito de cedências e tonalidades. As divisões das casas, por falta de espaço, por redução drástica de pessoal doméstico e também por moda, voltam a ser multifuncionais. As classes tornaram-se cada vez mais fluidas e os comportamentos sociais exigem descodificações mais complexas mas não menos significativas.

BIBLIOGRAFIA

- Alvaro Cunheiro. *La Cocina Cristiana de Occidente* – Ed. Tusquets. Barcelona – 1981.
- Brillat – Savarin. *Physiologie du Goût*. Flammarion – 1982.
- Connaissance des Arts. “Le Louis XVI Qu’ Aimait Eugénie”. Helene Demoriane. Outubro – 1961.
- José Quitério. *Livro de Bem Comer*. Assírio e Alvim – 1987.
- L’Ameublement Psychologie et Évolution de la Decoration Intérieur. Mário Praz. Ed. – Tisé. Paris – 1964.
- L’Epoque et son Style. *La decoration intérieur 1620-1920*. Peter Thornton – 1984.
- L’Epoque et son Style. *La Renaissance italienne 1400-1600*.
- Les Arts Decoratifs de 1790-1850. Léon de Groën. Office du Livre – 1985.
- O Móvel do Século XIX no Brasil. Tilde Canti – 1988.
- Sérgio de Paulo Santos. *Os Caminhos de Baco*. Ed. T. A. Queiroz. São Paulo – 1984.



- 1 Mesa de Sala de Jantar, madeira exótica, da segunda metade do séc. XIX com os pés representando cães e raposas.
diâmetro: 125 cm
altura: 73 cm
- 2 Pormenor do pé zoomórfico da mesa da Sala de Jantar.
- 3/4 Par de urnas de Sévres datadas de 1856. Encomenda do Palácio das Tulheiras.
largura: 22,5 cm
altura: 64 cm
- 5 Terrina, faiança, do séc. XIX. Cifka.
diâmetro: 38 cm
altura: 38 cm
- 6 Prato Hispano-Árabbe.
diâmetro: 38 cm







